

Suplemento Cultural

O contemporâneo diálogo de Dante e Rodin na casa de Drummond

JOSÉ PEDRO FRAZÃO – escritor/
poeta, secretário da Academia Sul-
Mato-Grossense de Letras

Não se poderia imaginar, longe do hermetismo e da metafísica, um verdadeiro encontro entre o consagrado e medieval poeta italiano Dante Alighieri e o ícone da escultura francesa do século XIX, Auguste Rodin, no sagrado reduto do poeta maior do Modernismo brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, ainda mais para dialogarem aberta e conceitualmente sobre arte e política contemporâneas.

Mas a arte e a literatura são capazes de milagres como esse, trazendo para a época atual a criatividade e o senso crítico seculares dos renomados artistas que encantaram o seu tempo e se tornaram clássicos e imortais para viajar até os nossos dias, em que os pecados humanos se repetem numa comédia contínua, reinventados e encenados por sucessivos personagens e observados por outros artistas e plateias.

Um dos primeiros diálogos entre as obras de Rodin e Dante, provocado pelo artista francês através de sua grandiosa escultura de bronze “A Porta do Inferno”, trazendo à baila o enredo maravilhoso do poema épico “A Divina Comédia”, de Dante, aconteceu no século XIX. E de lá para cá esse processo de interação dialógica tem marcado singulares momentos, não apenas da comédia, mas da própria tragédia humana.

Hoje, este cenário se reproduz no Mato Grosso do Sul, quando Auguste Rodin alegoricamente traz o seu ídolo Dante até Drummond, para mostrar que a sua crítica ao “pecado” e à



Detalhes da instalação artística “Brasília na Porta do Inferno” e os autores – professora Ironilde e seus alunos Thiago, Angélica e Elber

“

“(…) Auguste Rodin alegoricamente traz o seu ídolo Dante até Drummond, para mostrar que a sua crítica ao ‘pecado’ e à ‘corrupção’ se ajusta perfeitamente ao infernal momento por que passa a política brasileira”

“corrupção” se ajusta perfeitamente ao infernal momento por que passa a política brasileira. Esse novíssimo diálogo franco-italiano aconteceu no Portal do Pantanal graças a uma inteligente instalação artística denomi-

nada “Brasília na Porta do Inferno”, produzida por alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Carlos Medeiros, de Anastácio, que transfiguraram a instigante “Porta do Inferno”, destacando “As três sombras” (escultura de Rodin que originalmente simboliza três imagens iguais de Adão) com as máscaras de três políticos da alta cúpula do poder nacional, representando a quadrilha de colarinho branco envolvida nas diligências policiais da Operação Lava Jato. Tais figuras se apresentam na forma do presidente Michel Temer e do deputado federal Eduardo Cunha, enquanto o terceiro nome ficou em aberto para a escolha espontânea do público, que votou livremente e completou a trilogia com a máscara do ex-presidente Lula, cumprindo, assim, a proposta de interação com o público sugerida por Auguste Rodin.

Elaborado predominantemente em madeira, papelão e jornais (estes representando a imprensa pouco imparcial), com esculturas em alto-relevo de papel machê, este trabalho escolar realça uma outra obra de Rodin, a famosa escultura o “Pensador”, mas com o rosto coberto por uma máscara do juiz federal Sérgio Moro, no alto da “Porta do Inferno Brasileiro”, simbolizando o castigo. A referida instalação, apresentada pelos estudantes Thiago

Felipe Barbosa dos Santos, Angélica Chaves Coene e Elber da Silva Nascimento, sob a orientação da professora Ironilde Gomes da Silva Frazão, venceu a “Mostra Municipal de Ciências, Arte e Cultura” realizada na Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade – daí a referência sobre o inusitado e contemporâneo diálogo entre o poeta italiano, o escultor francês e o poeta de Itabora.

Afóra a oportuna apreciação política e social sugerida em todos os tempos pela obra de Rodin, ressalte-se que essa instalação (modalidade adotada pelas artes visuais nos anos 60) atingiu em Anastácio seus principais objetivos como gênero da arte conceitual: causar estranheza e reação, atraindo os observadores, que se sentiram intelectualmente convidados a participar dessa ideia, com um sentimento crítico e interativo de intertextualidade. Durante a mostra, a arte dessa provocante releitura iluminou a sala de exposição da Escola Carlos Drummond gerando um comportamento de solidariedade e uma intromissão permitida a ponto de unificar o artista francês, os alunos e o público num único autor a completar a inacabada obra.

Por fim, a lição maior que se agrega ao importante evento promotor da ciência, da arte e da cultura através de mostras e exposições competitivas como esta, é a demonstrada capacidade de professores e estudantes de tornarem a escola um ambiente capaz de desenvolver estudos de alto nível que elevem o conhecimento, mesmo numa escola do interior, onde as dificuldades são maiores que as condições oferecidas.

POESIA

PALAVREANDO

A palavra rompe o chão.
Nasce em folhas de algodão,
E desfolha o nascimento.
Transpira-se em fotossíntese
Pulsa o pensar, fibras verdes,
Tenro e aéreo segue ao vento.

A palavra criança,
Corre nas entrelinhas,
Faz estrelinhas,
Brinca de lobo.

A palavra calçou luvas,
Foi à festa com glamour.
Fez-se rosa e, cuidadosa,
Sem ruído vira a esquina,
Ludibria com a rima.

A palavra vira fogo
Faz o jogo, invertida,
Invencível, impassível.

A palavra fica adulta
Não tem medo, faz o enredo,
Lança o malho, se retalha.
A palavra se desnuda,
Grita na rua e gargalha.

A palavra amadurece,
Tece, não ganha promessa...
Concentra regras, regências,
E que pense pra falar.

A palavra, num sorriso
Desmancha-se em perfume,
Traz o sigma, flui no ar.
E o verbo no infinitivo...
Quer cantar, viver e amar!

ELIZABETH FONSECA

CIDADE DAS CRIANÇAS DE CORUMBÁ

VALMIR BATISTA CORRÊA – professor
e historiador, membro da Academia Sul-
Mato-Grossense de Letras

A colonização do Novo Mundo pelos exploradores ibéricos, espanhóis e portugueses, veio acompanhada da atuação de ordens religiosas. A participação desses religiosos foi tão importante que se tornou, de forma estratégica, a linha de frente da colonização. Foi a fase de “amansamento” e cristianização dos nativos, em especial pelos jesuítas, e que teve continuidade com outras ordens, depois que o ministro português Marquês de Pombal expulsou a Companhia de Jesus de todo o império lusitano. O avanço dos súditos espanhóis na América do Sul pelo rio Paraguai, em direção às minas de Potosi, deixou suas marcas por onde passou, e onde depois seria território de Mato Grosso do Sul. Os jesuítas fundaram a missão de Itatim nos pantanais de Corumbá.

Bem mais tarde, a chegada de um grupo de padres salesianos, em 1894, representou outra etapa da presença de missões religiosas em Mato Grosso. Esses missionários partiram do Rio da Prata, subiram o rio Paraguai, passaram por Corumbá e instalaram-se definitivamente em Cuiabá. Na capital centraram os seus maiores esforços conforme seus objetivos de catequese de tribos indígenas da extensa região norte. Passaram a agrupar os índios em aldeamentos, chamados Colônias, onde ministravam ensino religioso, acompanhado de alfabetização, trabalhos manuais e hábitos “civilizados”, como o de vestir roupas. Ainda em Cuiabá, instalaram o Liceu Salesiano, exercendo grande influência na educação de crianças e jovens e construíram o Observatório Meteorológico Dom Bosco, entre outras atividades.

Em Corumbá, a segunda cidade do estado no início do século XX, e a mais



Pe. ERNESTO SASSIDA – idealizador da ‘Cidade Dom Bosco’, fundador da ‘União dos Ex-Alunos Salesianos’ (Corumbá/MS)

importante região portuária da fronteira, os salesianos fundaram o Colégio Santa Teresa. Em 1908, um documento registrava o seu funcionamento, com internato e externato, cursos elementar e comercial, e uma média de 150 alunos. Até hoje, a escola centenária cumpre o seu papel de contribuir para a educação dos jovens corumbaenses.

Porém, houve um fato novo nos projetos salesianos com a implantação de uma escola diferenciada e marcadamente humana e solidária, projetada por um jovem padre idealista, transformando-se numa das mais significativas experiências educacionais do Centro-Oeste brasileiro. Esta experiência, tão cara aos corumbaenses, é a Cidade Dom Bosco, e não pode ser dissociada do seu idealizador, o padre Ernesto Sassida.

Ainda jovem, esse seminarista italiano chegou ao Brasil para completar seus estudos em Cuiabá e em São Paulo. Em 1940 dirigiu-se a Corumbá como professor do Colégio Santa Teresa, onde trabalhou por alguns anos. Nesse período, extrapolando os muros da escola, interagiu, através da organização de atividades esportivas e festas religiosas, com a população pobre da periferia da cidade, marcadamente na região fronteira com

a Bolívia. Mais tarde, em 1950, instalou-se de forma definitiva em Corumbá como sacerdote e professor, fundando a União dos Ex-Alunos Salesianos de Dom Bosco. A partir de então participou de várias atividades de organização comunitária, como escolas, organizações solidárias de jovens carentes, entidades femininas, centro esportivo entre outros.

No final da década de 50, o Padre Sassida fez um amplo levantamento da população e de suas miseráveis moradias na região da Cidade Jardim (onde hoje se localiza o Bairro Dom Bosco), constatando a necessidade de uma escola com funções educacional e assistencial. Em abril de 1961, implantou a escola num barracão cedido por uma moradora, constituindo-se na gênese da Cidade Dom Bosco que, 7 anos depois, se transformou em ginásio estadual. Por essa época, carente de recursos para atender a dimensão educacional e social do seu empreendimento, Sassida empreendeu um arrojado projeto no exterior chamado “Adoção à Distância”. Significava convencer pessoas no exterior para “adotar” um estudante carente com uma bolsa que suprisse sua sustentação na escola, incluindo roupas e alimentos. Hoje, a Cidade Dom Bosco está consolidada, com inúmeras atividades sociais, como dos patrimônios mais significativos de Corumbá.

Segundo o jornalista corumbaense Schabib Hany, esta “obra social ... atravessou cinco décadas sem perder a ousadia, sem perder o pioneirismo, sem perder a ideia-motriz de sua gênese: o amor como instrumento de integração social de expressiva parcela da população de uma das mais ricas regiões do planeta”. O padre Ernesto Sassida, acima de críticas e sem esperar por reconhecimento pessoal, fez com ousadia a diferença na vida de inúmeras crianças de Corumbá. Morreu aos 93 anos, em 13 de março de 2013.

MALBA TAHAN

RAQUEL NAVEIRA

Guardo com carinho a coleção de livros de Malba Tahan, as capas desgastadas cor-de-vinho com letras brancas. Neles sorvi o amor pela raça oriental.

Malba Tahan era na verdade o heterônimo do professor Júlio César de Melo e Sousa, escritor, matemático, personalidade original e imaginativa. Estudou a fundo aspectos da cultura árabe. Propôs a Irineu Marinho, dono do jornal carioca “A Noite”, escrever uma série de contos que lembravam as narrativas das *Mil e Uma Noites*. Foi um sucesso. Nascia assim o personagem Malba Tahan.

Júlio César criou uma biografia para Malba Tahan. Teria vivido em Meca, depois de haver permanecido doze anos em Manchester, onde o pai era vendedor de vinhos. Visitou a Rússia, a Pérsia, a Índia e, finalmente, o Brasil, sempre observando os costumes dos povos.

O professor Júlio César inventou também a existência de um tradutor de Malba Tahan pra o português, Breno Alencar Branco, conhecedor profundo de poesia, de vocábulos e expressões árabes. Graças a Malba Tahan, meu universo de criança foi povoado de sultões, odaliscas, princesas, caravanas, dijins, homens de turbantes cinzentos seguindo luzes azuis.

Caminhei com ele por uma Bagdá que nada tem a ver com sublevações, com o ditador Saddam Hussein, a Guerra do Golfo, o uso das armas químicas, a guerra civil que ceifou milhares de vidas. A minha Bagdá era a do distante califa Harun-al-Rashid, época marcada pela prosperidade

científica, cultural e religiosa no Islã. A Bagdá lendária da biblioteca “Casa da Sabedoria”, das histórias fantásticas narradas por Sherazade. A Bagdá nua, florescendo como joia entre oásis e palmeiras, a mais esplêndida cidade do mundo.

As lendas do deserto me fascinaram com seus magos, beduínos, cheiques, mercadores de lâmpadas, espelhos, recompensas e tesouros vindos das mãos de Allah. Percorria as páginas com alegria, vendo brilhar ensinamentos e estrelas maravilhosas.

O célebre *O Homem que Calculava*, com seus problemas e curiosidades matemáticas em forma de narrativa das aventuras de um calculista persa, chamou-me a atenção para um misto de lógica e mistério que há nos números.

E não é que o beduíno/poeta/professor Júlio César, o próprio Malba Tahan em pessoa, apareceu certa vez na minha cidade, a descampada Campo Grande, no sul de Mato Grosso? Deu uma palestra concorrida no Rádio Clube. Eu era adolescente, uns doze ou treze anos talvez, e estava enfeitada, andando nas nuvens num tapete persa. Terminada a palestra, fomos apresentados. Ele pegou minhas mãos que tremiam e disse: “ – Vejo que você é uma menina muito sensível. Tem talento na alma. Continue lendo.” Fiquei perplexa: Malba Tahan conversou comigo. Uma caravana passou perto de nós com camelos e cantis carregados de pérolas.

Sob o manto brocado daquela noite, repeti várias vezes: “Maktub! Maktub! Estava escrito”. Acreditei que escrever era meu destino, uma fatalidade.